

# ILHA VITÓRIA: PARA ALÉM DO PARAÍSO

*Ilha Vitoria: to beyond the paradise*

Eduardo Schiavone CARDOSO<sup>1</sup>

## RESUMO

Este ensaio busca apreender o diálogo que se estabelece entre o jornalista e seu objeto de reportagem, e como estão presentes diferentes concepções de tempo e espaço, além de diferentes versões sobre o “outro”.

O “outro”, no caso, são os habitantes da Ilha Vitória, comunidade “caiçara” de pescadores e agricultores do litoral norte paulista.

**Palavras-Chave:** Reportagem; tempo e espaço; comunidade “caiçara”.

## ABSTRACT:

This essay searches for to apprehend the dialogue between the journalist and his report object, and how there are different concepts of time and space, beyond different version about the “other”.

The “other”, in this case, are the inhabitants of Ilha Vitoria, “caiçara” community of fishermen and farmers of north São Paulo coast.

**Key Words:** Report; time and space; “caiçara” community

---

<sup>1</sup> Mestrando em Geografia Humana, no Departamento de Geografia da FFLCH-USP. Bolsista da CAPES

Eduardo Schiavone Cardoso

## A COLOCAÇÃO DA PROBLEMÁTICA

Há muito a praia é associada ao lazer. Um espaço de lazer construído historicamente a partir da ascensão de uma burguesia que passa a desfrutar de seu direito à preguiça.

Como espaço de lazer, a praia oferece novas possibilidades ao capital fundiário e uma dinâmica própria é estabelecida a partir da valorização de novos recantos, a medida que antigos pontos nobres são incorporados aos roteiros de férias e finais de semana das classes média e operária.

Via de regra, este capital imobiliário esbarra em vilas e povoados costeiros com organização social distinta da encontrada nas cidades, para onde os empreendimentos são destinados.

Ocorre então a desestruturação desta vida social a partir da entrada de elementos de um capitalismo voraz: loteamentos, cercamentos de áreas públicas, aterros e desmatamentos, privatização dos recursos naturais, proibição do acesso ao mar, violência e expulsão de moradores, entre outros aspectos até então ausentes do modo de vida das comunidades costeiras.

Um exemplo recente deste processo data de fevereiro de 1993, quando uma passagem de servidão localizada na praia de Barra do Sahy - São Sebastião, foi objeto de disputa judicial entre a comunidade moradora do Sahy e um proprietário de segunda residência. Os manifestantes, moradores da praia, em passeata pelo centro de São Sebastião portavam faixas com os seguintes dizeres - "Queremos nosso caminho, ele é centenário", "Proprietário ganancioso quer fechar caminho, terreno é da União", "Sahy exige livre passagem para a comunidade", entre outras.

Ao lado da implementação do empreendimento capitalista, trava-se uma verdadeira guerra ideológica denegrindo a imagem do trabalhador do mar e do praiano. Estes são os "vagabundos" e "bêbados", responsáveis pela degradação ambiental e certamente os serviços para os novos usos implantados em suas antigas posses.

São inúmeros os exemplos de praianos, caseiros e domésticas, trabalhando em casa de veraneio erguidas sobre suas terras. Entretanto a presença de pescadores puxando canoas e entalhando redes de pesca a beira mar, causa fascínio para turistas e proprietários, que não raro ajudam na puxada da canoa ou simplesmente vão olhar o resultado da pescaria.

O processo de avanço da especulação imobiliária, obviamente não se dá de forma homogênea por toda a franja costeira. A pressão imobiliária concentra-se em áreas próximas a grandes centros urbanos e via de regra é deflagrada a partir da abertura de rodovias.

A BR-101, em seu trecho entre Santos e Rio de Janeiro é um dos exemplos mais cruéis do avanço do capital fundiário sobre o litoral. Praias até então de acesso precário, abrigando comunidades de pescadores e lavradores são invadidas por tratores e escritórios imobiliários. Sem a posse regularizada, muitas famílias são pressionadas a vendê-las por preços irrisórios ou são sumariamente expulsas, engrossando as periferias das cidades litorâneas.

Do alqueire, quadra ou hectare, a medida da terra transforma-se em lote e metro quadrado, atualmente cotado em dólar e a indústria da construção civil se expande, trazendo em seu bojo grandes levas de migrantes, para os quais o acesso às praias será limitado.

Aos que resistem, impõem-se o desafio de uma nova realidade. Pousadas e bares são improvisados para atender aos períodos de maior demanda turística, o assalariamento em serviços voltados ao turismo aparece como alternativa de renda, da mesma forma a locação de barcos de pesca para passeio. Estas estratégias, no entanto, não suprem todo o ano e são mantidas de forma complementar às antigas atividades de pesca, agricultura e artesanato.

É neste processo que o modo de vida caiçara do litoral norte de São Paulo e sul do Rio de Janeiro sofreu profundas alterações. Os lugares de morada e trabalho passam a ser os novos paraísos da burguesia, “descobertos” por mochileiros e jornalistas e apropriados por empreendedores imobiliários.

Eduardo Schiavone Cardoso

Se a praia é o paraíso do lazer, o que não será a ilha, lugar marcado no imaginário coletivo como *locus* de piratas, desbravadores e da fantasia?

## ILHA VITÓRIA

Longe do paraíso, a Ilha Vitória é bem real. Situa-se a pouco menos de 38 kms. do continente, em linha reta traçada da menor distância da costa do litoral norte de São Paulo. De barco as distâncias são medidas em tempo, variando de uma hora e meia até quatro horas a viagem para Vitória partindo de São Sebastião, de acordo com a embarcação.

Seus 221,3 hectares (ÂNGELO, 1989), abrigam áreas de mata atlântica, sapezais, roçados de mandioca, feijão e batata, áreas de taquara japonesa (espécie exótica introduzida na ilha e que não pára de se expandir), além do povoado de aproximadamente 50 pessoas.

Toda a volta da ilha é formada por rochedos - a chamada costeira, estando ausente as praias arenosas. Com o Ilhote e com a Ilha Pequena o mesmo ocorre e o pequeno arquipélago da Vitória é conhecido por águas limpas, profundas e piscosas.

A água doce é escassa, estando condicionada às precipitações e à capacidade de retenção da água da chuva. Esta água diminui sensivelmente em épocas mais secas e a falta d'água é uma constante ameaça aos moradores de Vitória.

Estes, caiçaras de traços indígenas e europeizados, descendentes da miscigenação entre índios, colonizadores e prováveis piratas, formam hoje um povoado de pouco menos de 50 habitantes com laços mais ou menos próximos de parentesco. Já em 1902, Euclides da Cunha descrevia a presença do vilarejo, composto por cerca de 35 pessoas, oriundas da vizinha Ilha de Búzios e que mantinham, em meados do século XIX, a ilha como posto avançado de vigia do contrabando de escravos, burlando assim a repressão ao tráfico negreiro (CUNHA, 1944).

A idade do povoamento ainda é uma incógnita. As informações do morador mais antigo se perdem no tempo de Pedro das Couves, um dos

pioneiros em Vitória. Ninguém sabe ao certo quando, pelo menos há quatro gerações anteriores ao septuagenário Sr. Manuel Costa - o "Nho-Nho", patriarca da ilha.

É possível que a ilha tenha sido palco de ocupações mais antigas, caso seja identificado como sambaqui os concheiros presentes em suas partes altas.

## **VOZES DE JORNALISTAS, VOZES DE VITÓRIA?**

Este trabalho tem como objetivo produzir um contradiscurso sobre a Ilha Vitória e sobre as concepções de tempo e espaço de seus habitantes, companheiros e amigos de um trabalho que se prolonga por mais de quatro anos na luta por uma escola para Vitória.

Digo contradiscurso porque é interesse deste trabalho analisar o encontro jornalístico e as concepções de tempo e espaço presentes no discurso sobre o "outro", neste caso os ilhéus de Vitória. Como referência para esta discussão serão empregadas as concepções do discurso etnográfico analisadas na disciplina "ETNOGRAFIA E OS USOS DO TEMPO NA CONSTRUÇÃO DO OUTRO", ministrada no curso de pós-graduação em Antropologia por John Dawsey, no segundo semestre de 1992, na USP.

Para esta função utilizarei duas reportagens datadas do início de 1991, realizadas na Ilha Vitória e publicadas no "Jornal da Praia" em 09/02/91 e no "O Estado de São Paulo" em 22/03/91. Infelizmente não tive acesso a uma matéria veiculada no Programa Vitória (ironia do destino) e que segundo informações, só iria enriquecer a discussão, pois foi realizada na ilha em época aproximada as outras duas.

A primeira reportagem tem o seguinte título: **ILHA VITÓRIA - UM LUGAR PARADO NO TEMPO**, e é assinada por Eduardo Reina, enquanto que a segunda, redigida por Moacyr Castro é composta por quatro segmentos, assim intitulados: **ILHÉU PAULISTA PREFERE VIVER ISOLADO; MATA ATLÂNTICA RESISTE LONGE DO CONTINENTE; NEM AS TELENÓVELAS ATRAEM A ATENÇÃO e SIMPLICIDADE E ROTINA MANTÉM PARAÍSO CAIÇARA.**

Eduardo Schiavone Cardoso

REINA (1991), no título da reportagem, já impõe uma concepção de tempo e espaço marcada pelo preconceito e pela imprecisão. Nega de saída a relação de contemporaneidade e coetaneidade estabelecida com seus entrevistados. Se existe um lugar parado no tempo, como foi possível a ele estabelecer algum contato com tal lugar? Somente voltando atrás no tempo, seria possível encontrar o espaço de Vitória. Creio que o mar não é nenhum “Túnel do Tempo”.

Parece mesmo que o jornalista acredita ter voltado atrás quando afirma o seguinte: “... um cidadão do continente sente-se como um explorador do século XVI em contato inicial com os indígenas...”. Quiçá encare seu poder de gerar informação ao dos mercenários da invasão da América.

Se o título já evidencia uma política de tempo e espaço etnocêntrica, no decorrer da reportagem esta visão é reforçada pelas afirmativas que transcrevo a seguir:

“...isolados do mundo moderno, os caiçaras de Vitória falam uma língua que mistura o dialeto caiçara com palavras unidas ditas com extrema rapidez - e o português arcaico...”.

“... perdidas no tempo e isoladas no mundo, as crianças de vitorianas são arredias...”.

“... mas a distância entre a colônia e a civilização não incomoda os habitantes da ilha...”.

Fica evidente que o autor trata o tempo como um objeto passível de ser perdido ou achado, uma das características do capitalismo industrial e que se manifesta de forma mais ou menos intensa nos diferentes lugares. Ao mesmo tempo nega a globalização do mundo moderno, ao encarar espaços distintos como possuidores de maior ou menor grau de civilidade.

O jornalista mesmo cai em contradição em seu discurso, quando relata a chegada das mercadorias, o contato com as embarcações, o rádio de pilha e outros aspectos da mundialização da economia e da informação presentes na Ilha Vitória. Não percebe, entretanto, a relação de complementaridade e marginalização presentes em um mundo marcado pelas trocas desiguais.

Também ignora os marcos temporais que movem a vida em Vitória e através dos quais os ilhéus estabelecem suas relações com o restante da sociedade.

Afora estas questões, a reportagem de REINA (1991) é marcada por observações vagas, interpretações errôneas e afirmativas falsas sobre a Ilha Vitória. Uma delas põe em risco a posse da ilha para os ilhéus. Reina (1991) afirma sem qualquer fundamento o seguinte: "... as novas gerações tem cada vez mais casos de síndrome de Down, o mongolismo...".

O interesse velado que contém esta afirmativa não foi possível identificar. Fica aqui o registro de que as crianças de Vitória são normais, física e mentalmente, operam como qualquer criança as tarefas exigidas no processo de ensino e aprendizagem desenvolvido ao longo dos últimos anos e que em mais de quatro anos de trabalho junto às crianças de Vitória não encontrei nenhum caso de mongolismo.

Traçando um paralelo entre o discurso jornalístico de REINA (1991) e o discurso etnográfico, percebe-se que informações fragmentadas, coletadas em campo durante um certo limite de tempo, são transformadas em um texto coeso de poder - uma vez que possui a autoridade da palavra publicada na imprensa. No caso analisado, o texto, além de repleto de deslizos, traz as concepções de tempo e espaço etnocêntricas que marcam a ótica do autor em relação ao objeto de sua reportagem e traduz uma política de tempo e espaço presente também nos textos etnográficos.

O repórter faz ainda uso das falas de moradores de Vitória de modo a legitimar seu texto. Fragmentos de entrevistas e falas descontextualizadas são empregadas para justificar o que o autor quer dizer e não necessariamente o que os ilhéus disseram. Ao ler esta reportagem para um grupo de moradores de Vitória as reações variaram da ironia à revolta.

CASTRO (1991) inicia uma sessão de sua reportagem com a seguinte sentença: "O tempo não rege a vida nem deixa marcas na memória dos 42 habitantes da Ilha da Vitória...".

Com certeza o tempo de Castro não é o tempo da enchova, da lula, de plantar o feijão e a rama, e outros tempos que os moradores de Vitória operam em seu cotidiano de vida e trabalho.

Eduardo Schiavone Cardoso

Na reportagem de Castro (1991) também aparece a segregação espacial: "... são caiçaras ... que vivem orgulhosos à parte da civilização...".

Castro (1991) porém é mais atento na observação e descrição da vida dos ilhéus de Vitória. Evita afirmativas sem fundamento iguais as de seu colega de profissão, e demonstra um respeito maior para com seus informantes.

Se a construção de uma imagem da ilha esteve presente nas duas reportagens, é nesta que a visão da ilha como um paraíso é explicitada através do título de uma das sessões: "Simplicidade e rotina mantêm paraíso caiçara". É bastante provável que a autoria deste título seja de outro profissional que não seja o jornalista Castro, uma vez que a imprensa possui uma rígida divisão do trabalho.

## **UM POUCO DOS TEMPOS E ESPAÇOS DE VITÓRIA**

Alguns tempos regem a vida em Vitória, evidentemente nenhum deles preso aos relógios, sirenes e cartões de ponto.

O tempo da sucessão dos recursos da pesca, da roça e da mata é um dos mais marcantes. O tempo do mar e do céu imprimindo dias de saída e dias de espera. O tempo do trabalho intenso para a garantia da sobrevivência.

Tempos que os moradores de Vitória dominam com precisão: os dois primeiros pelo aprendizado do trabalho e o terceiro pela negação da remuneração do trabalho.

Quanto aos espaços o mesmo ocorre.

A distância de Vitória faz dela parada obrigatória para embarcações pegadas de surpresa pelo mal tempo no mar. Longe da terra, não há pescador de sardinha, do Mar Novo ou de arrasto que não conheça Vitória, seja paulista, carioca ou catarinense.

O espaço "isolado" da terra é o espaço de convergência no mar.

Os espaços da ilha são plenamente dominados pelos moradores de Vitória. As aguadas, os sacos, a costeira, o parcel, o Ilhote, a Ilha Pequena e vários outros pontos são referências de todos os moradores, assim como os pontos de entrega do pescado e compra de mercadorias, seja em Ilhabela, São Sebastião, Caraguatatuba ou Ubatuba.

As cidades são espaços conflituosos para quem é da ilha. É o espaço da cura da doença, da troca desigual e da exploração do trabalho. Espaços de atração e decepção.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do litoral como paraíso tem na ilha sua máxima expressão. Não é à toa que as ilhas de Angra dos Reis são lembradas por todos como recantos paradisíacos da elite brasileira - de Airton Senna até o "impichado" Collor de Mello, passando por Roberto Marinho, entre outros.

Atributos da sociedade desigual são transferidos à natureza como forma de valorização e endeusamento daqueles que ao paraíso tem acesso.

Para além do paraíso a Ilha Vitória nos dá a contrapartida. Os ilhéus são condenados ao paraíso onde os direitos do homem são letra morta.

Em tempos de liberação dos cassinos, recantos e recantos do litoral estão à espera de "deuses" que ao paraíso tem direito.

E é isto que eu tenho a dizer.

### **Agradecimentos:**

Ao Projeto Cultural São Sebastião Tem Alma.  
Aos ilhéus de Vitória.

Eduardo Schiavone Cardoso

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÂNGELO, Sueli - Coord. (1989) - **Ilhas do Litoral Paulista**. São Paulo, S.M.A. 52p.

CASTRO, Moacyr ( 1991) - Ilhéu paulista prefere viver isolado. **O Estado de São Paulo**, 22.03.91.

\_\_\_\_\_ (1991) - Simplicidade e rotina mantêm paraíso caiçara. **O Estado de São Paulo**, 22.03.91.

\_\_\_\_\_ (1991) - Nem as telenovelas atraem a atenção. **O Estado de São Paulo**, 22.03.91.

\_\_\_\_\_ (1991) - Mata Atlântica resiste longe do continente. **O Estado de São Paulo**, 22.03.91.

CUNHA, Euclides (1944) - Ilhas dos Búsios. in: **IX CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, Vol. V**, Florianópolis, 1944. *Anais...* Florianópolis, CNG, p.p.: 686-696.

REINA, Eduardo (1991) - Ilha Vitória, um lugar parado no tempo. **Jornal da Praia**, 09.02.91.